

Perspectiva brasileira de uma Política Africana

SILVA, Agostinho da. Perspectiva brasileira de uma Política Africana. *Cadernos Germano-Brasileiros*, Juiz de Fora, ano VII, n.º 3, mar. 1968, pp. 1-17. Edição bilíngüe: português e alemão.

Capitalismo – Socialismo – África

Uma colônia é uma região que recebe de outra, denominada metrópole, as suas idéias, as suas manufaturas e as suas normas de comportamento no mundo. Dado isto, torna-se muito difícil que possa ter havido uma descolonização da África, a não ser pela tal mutação de constituições que em nada vem modificar o que respeita a formas de pensamento, economia ou política interior e exterior.

É fora de dúvida que não tem a Europa o menor interesse em que os países africanos deixem de ser os fornecedores de matérias-primas para as suas indústrias e os consumidores dos produtos de suas manufaturas; o ideal, para alguns políticos, seria que todas as nações européias se congregassem num Mercado Comum e que esse Mercado Comum, com uma África em desenvolvimento de produção e de consumo, lhes garantisse um nível de vida que aumentasse sempre sobre o atual, permitindo além de tudo, para os serviços considerados grosseiros ou de menor interesse na renda, continuar utilizando a mão-de-obra do Mediterrâneo que, embora não branca, é, digamos assim, menos negra do que a africana.

Se isto é o que se refere à economia, pouco teríamos que alterar o quadro pelo que respeita à intelectualidade. Os queridos da Europa hoje são os políticos ou pensadores africanos que, completamente desenraizados de suas culturas, falam Oxford ou falam Sorbonne, olham com bastante desprezo o considerado primitivismo das regiões africanas, lamentam o poliglotismo de seus países, consideram o sistema tribal como incompatível com a noção européia, diríamos melhor, romana do Estado, e felizmente o é.

Passando à América do Norte, que definiríamos como o ponto máximo de concentração da Europa loura e alva, não parece, apesar de suas tradições

de anticolonialismo e apesar de sua defesa da liberdade dos povos e da iniciativa do indivíduo, ver sem temores a descolonização da África. Sob o ponto de vista de segurança de suas fronteiras militares, de seu investimento de capitais e de seu mercado de consumo, e ainda tomando as áreas de produção africana como homólogas das regiões tropicais da América do Sul, é fora de dúvida que lhe convém que estejam presentes na África os países seus aliados, ou nela mandem as elites ainda sob a influência de seus missionários, ou ela própria venha e se estabeleça comandando uma industrialização, talvez sobretudo a agrícola, que lhe permita concorrer, quando, onde e como convenha, com o que puderem exportar seus vizinhos do sul.

Não poderemos também aceitar que os representantes máximos da economia socialista tenham vistas desinteressadas quanto à África. Tanto a Rússia como a China querem acima de tudo a vitória de suas ideologias, mas ainda antes dela pensam, como é natural, na sua sobrevivência como nações. Tentará a Rússia o mais possível dividir o mundo em esferas de influência, a exemplo do que sucedeu noutra guerra de ideologias, a de católicos e protestantes; as intervenções da China serão só tentativas de esgotar adversários em pontos difíceis, e nenhuma África oferece nada de comparável com a Coreia ou o Vietnã; o que fizer neste sentido fora da Ásia o fará só para fixar forças de polícia ou para tirar da Rússia a hegemonia dos partidos comunistas.

Não cremos que o consiga nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento e pela mesma razão pela qual, dentro de alguns decênios, e a não haver da parte do complexo industrial e militar dos Estados Unidos um ataque antecipado e brusco, a própria China perderá sua agressividade, a não ser aquela dos gritos que se dão para assustar o adversário quando se esgrime. Atingido o ponto alto de fabricação de projéteis intercontinentais de carga termonuclear, ou do que ainda vier depois, com a bomba de nêutrons e os motores iônicos, é pouco provável que alguém tente uma guerra em larga escala. As boas roupas, as boas casas, as geladeiras e as televisões tornarão os chineses tão pouco agressivos quanto o são hoje os russos. A África ficará entregue a si própria...

Se não houver guerra, continuará a África sendo um continente isolado, já que a sua forma de ser é bem distante se não oposta do que poderíamos marcar como o laicismo, o racionalismo científico que apontamos, sejam eles os euro-americanos, os russos ou os chineses. A não haver um milagre, Cristo parece vencido no Ocidente, o materialismo de Marx parece ter batido o seu profetismo e destruído tudo o que era na Rússia esperançosamente dostoievskiano, Confúcio parece finalmente e solidamente triunfante sobre Lao Tse.

Assim como é duvidoso se poderemos ter uma verdadeira Ecúmena antes de uma radical reformulação teológica que funda o teísmo cristão com o ateísmo budista, que permita admitir para um católico o profetismo de Maomé, que veja como linguagens de um igual fundo religioso o transe dos candomblés e as vagas cerimônias do Xintó, é também pouco de aceitar que a unidade política e econômica do mundo chegue até nós, e com ela uma África verdadeiramente irmã, sem que o automatismo da produção venha suprimir o assalariado, tornar ridícula a idéia de lucro, lançar para eras de ignorância as pautas protecionistas, e sobretudo tornar inteiramente livre o espírito do homem, para, no lazer que lhe virá, nos dar as criações das quais as até agora foram apenas um imperfeito, um tosco, um larvar esboço.

As fronteiras na África e seus novos Senhores

De ser para os poderosos este terreno de grandes jogos, guarda a África muitas marcas, a mais visível das quais é a que ficou nas fronteiras de suas nações. Ao passo que na Europa são elas fruto das guerras, ao passo que nas Américas vieram dos ímpetos pioneiros e bandeirantes, das negociações de Estados soberanos entre si, de condicionantes geográficas, das iniciativas de independência ou dos substratos de civilizações poderosas que os conquistadores, apesar das destruições, não puderam eliminar; ao passo que na Ásia, apesar da ação dos impérios ocidentais, há alguma lógica de povos ou religiões – as fronteiras de África foram traçadas por potências européias, em conferências de cidades européias e consultando-se apenas os interesses europeus.

Tudo só tem significado e interesse se as considerarmos em relação à Europa e a seus interesses coloniais de busca de matérias-primas e expansão de mercados de consumo; para os africanos foram sempre um desastre e são hoje o obstáculo principal para que se estabeleça um planejamento da África realmente útil a seus habitantes e, por eles, ao geral do mundo.

Os dominadores que partiram deixaram nos mesmos domínios outros dominadores, em geral tão bons representantes seus que ainda exploram e oprimem seus compatriotas mais do que o faziam os brancos. Para os antigos colonizadores, a descolonização consistiu em ter que repartir os lucros com os novos governos; para os novos colonizadores, consistiu ela em lhes não pôr limites nas ambições de mando ou de riqueza, em tratarem os adversários políticos com uma dureza e uma intolerância de que, fora de períodos de guerra, não tinha o europeu dado muitos exemplos, e ainda, pela

existência de assembléias internacionais, em poderem, pelo princípio de a cada nação seu voto, emitir seu parecer nas mais difíceis, complexas questões de interesse geral.

No interesse de manter o sistema de neocolonialismo, de parte dos antigos dominadores; de fazer durar os seus regimes de partido único ou de perfeita ditadura de parte dos novos governantes; no interesse ainda de se manter, hipocritamente, a idéia de que existe, com real poder, um parlamento geral de países, poucas notícias se dão do que, sob o aspecto político, acontece nas regiões que atingiram a independência. Ignoram-se as tribos que as fronteiras separaram; ignoram-se as oposições encarceradas, exiladas ou assassinadas; ignoram-se as lutas de religiões e de tipos de vida; ignoram-se as farsas eleitorais. Dir-se-ia por vezes que as agências estão mais interessadas em noticiar os conflitos de brancos e pretos nas regiões ainda em regime colonial, e em insistir nos benefícios que a libertação lhes traria; benefícios no entanto mais seguros para os investidores de capitais e para os autocratas subordináveis do que para as grandes massas de população.

O papel importante das tribos

Foge-se ao fato inarredável de que o primeiro passo a dar em África seria o das autonomias tribais, reuníveis ou não em federações, que sempre de qualquer modo teriam seus limites não coincidentes com os das atuais “nações”. O que na realidade existe para o africano não é o indivíduo nem a nação, mas a tribo e, embora o complexo de cultura tribal tenha sido de há muito atacado e limitado pelo colonizador branco, a verdade é que ainda mantém na África um *status*, que faz que as instituições de origem e caráter europeus sejam um simples fenômeno de alienação superficial. Tudo o que se construir em África que não tome como base a tribo terá a duração que tiveram os regimes autoritários e ainda na medida em que estes se possam apoiar na economia e nas construções políticas dos brancos. Bastaria uma guerra em escala mundial que obrigasse a um abandono mesmo temporário da África para que desabasse num momento tudo o que, embora sobre os passos de portugueses a partir do século XVI, se construiu ou julgou construir sobretudo a partir do século XX.

Excluído de sua tribo por estruturas euro-européias [*sic*]¹ que a não aceitam, não podendo, por outro lado, aceitar como boas estas últimas es-

1 Leia-se: euro-americanas. [Nota do Organizador]

truturas; convencido a cada momento de que os seus valores culturais são inferiores e estão destinados a perecer, com exclusão talvez do que se refere à arte, esta mesma, no entanto, tão apreciada por artistas de origem cultural européia, incapazes do ato inicial e fundamental, que seria o de entender, entender sentindo, o significado religioso dessa arte, habituados como estão à arte de quem lhes paga, não à arte do a quem veneram – começa o africano a adotar como únicos valores aqueles que o têm sido na realidade para a maior parte dos euro-americanos, a riqueza, a fama e o poder, e a considerar como cultura o que na realidade é tao-somente engenharia.

É isto o que fazem as Universidades africanas que são, todas elas, Universidades européias implantadas em África, com uma honrosa exceção para a do Cairo, interessante, no entanto, e apenas, para comunidades muçulmanas. O que as outras levam ao africano é a medicina, ou a hidráulica, ou a agronomia, ou a farmácia, de cuja utilidade ninguém discutirá, mas que se desenvolveram na Europa sobre um substrato cultural, uma filosofia de vida e uma integração social que são em África completamente diversas. Quando se procura o que há de verdadeiramente cultural no ensino universitário africano que seja de África mesmo, nada existe que se mostre; ensinam-se filosofias européias, religiões européias, histórias européias, artes européias; é a velha idéia de civilizar o selvagem, quando tudo mostra, na crise de nossa própria cultura, que valeria a pena tentar a experiência inversa, a de asselvajar o civilizado, dando-lhe a noção da solidariedade de grupo, do tempo que não é dinheiro, mas condição de vida, dum existir que é ser antes de ter.

A civilização africana

Uma verdadeira civilização africana só pode surgir do que a África é, não do que se quer que ela seja, ao agrado dos brancos, das potências e das denominações. Parar de catequese e servir seria um bom início de ação. Deixar de querer converter a cristianismos, ou islamismos, hoje muito mais agressivos, para ajudar os africanos a converterem-se ao melhor, ao mais profundo das suas próprias religiões; deixar de pregar as excelências do Estado cesarista, que já fez parar e desviar-se o que na Europa se ia verdadeiramente construir sobre as palavras de Cristo, para os ajudar a reorganizar a tribo, tanto como nós precisaríamos de quem nos ajudasse a reorganizar o municipalismo; deixar de proclamar o primado da tecnologia, para lhes dar a oportunidade que não tivemos nós de saber que essa tecnologia só é válida quando serve a uma filosofia; auxiliá-los a construir ou reconstruir em bases atuais uma economia

tribal, afastando-se por um lado do estatismo socialista, por outro lado do capitalismo da concorrência e do lucro.

Quer que a ajudem a desembaraçar-se de suas gangas históricas, das fatalidades de seu meio, dos erros que tem havido em seu viver; quer que também aprendam com ela. Missionários, os dispensa; amigos e discípulos, os reclama.

A missão do Brasil

Por-se-ia, como hipótese, que o Brasil, apesar de todos os seus recursos, ainda se não deu a trabalho que o valesse, não por obstáculos internos ou externos, mas simplesmente porque o não concebeu suficientemente claro. E, se algum trabalho tem, é esse de ajudar a sair de suas indeterminações os povos do mundo que não encontram, nas grandes nações, guia algum que valha a pena seguir; primeiro, a África.

Tem os três pontos básicos de partida, a que se agrega, da parte de quem o receberia, o elemento essencial, que é o da confiança na absoluta isenção imperialista do Brasil, no seu real desagrado por uma economia de exploração, no seu interno gosto por uma integração racial, que tende, não à convivência de raças, o que já seria muito, mas a uma sua fusão numa raça ecumênica.

O seu primeiro ponto de partida o tem o Brasil dentro de seu mesmo território. Para todos os que participaram da experiência do Instituto de Estudos Afro-Orientais² que a Universidade da Bahia realizou no reitorado de Edgard Santos, nenhuma dúvida ficou quanto à receptividade africana às propostas que partiam de Salvador, quer as de se abrirem cátedras de estudos brasileiros em Dacar, ou Ibadan, ou Acra, quer a de se manterem em Salvador ensinos de línguas africanas, quer a de se estabelecerem Institutos Culturais Brasileiros em S. João Batista ou Porto Novo, quer a de se trazerem estudantes africanos a estudar em nossas Universidades, o que sob o ponto de vista técnico, fora um ou outro caso, lhes não seria vantagem, quer a de abertura de novas representações diplomáticas, quer a do envio de exposições brasileiras, quer a de um trabalho comum de nossas e suas estações de hidrobiologia para um estudo conjunto do Atlântico Sul, quer a do levantamento de documentos etíopes, quer a da montagem de escolas industriais tipo

2 Exatamente, Centro de Estudos Afro-Orientais. [N.O.]

SENAI³, quer a de colaboração para o estabelecimento da história da África Oriental, quer as tantas outras que, por acidentes de política interna do Brasil, por timidez de dirigentes, por aculturação européia e vários outros fatores, não chegaram a aproximar-se de termos de realização.

Salvador, sob a latente inspiração de seu Recôncavo, é o penhor de uma África Ocidental virada ao Brasil e dele disposta a receber sua guia e conselho; por este aspecto, é ela a cidade mais importante de todo o País e a que poderia, numa política cultural convenientemente dirigida e executada, ser o ponto-chave de todo o Atlântico Sul; o outro meio círculo de Recôncavo vai do Máli às fronteiras de Angola.

O Brasil é Portugal

O outro fator vital é que o Brasil é Portugal, não irmão ou filho de Portugal, mas Portugal mesmo. Houve colônia, certamente, e o governo português não pôde, como era natural, fugir às determinantes de política e de economia da Europa, embora em grande parte das vezes tivesse tratado o Brasil, ou a parte de sua população que ao Brasil viera, com mais consideração por suas tradições e suas tendências do que tratava quem ficara em Portugal; houve colônia, mas à medida que se estudam os documentos se averiguam as grandes correntes culturais de Portugal, se aquilata melhor da qualidade do povo que emigrou, verifica-se que se dirigiram ao Brasil de preferência os portugueses que continuavam na linha do município, de uma economia não-capitalista e da religião que punha o Espírito Santo como fundamental na Trindade e o punha reinando na perfeita fraternidade do Quinto Império. De modo que, se tivéssemos de determinar em qual dos territórios se conservou melhor a verdadeira linha cultural de Portugal, certamente a nossa resposta teria de se inclinar ao Brasil.

Mas Portugal, hoje, não é apenas a metrópole e poderia dizer-se sem grande receio de contradição que se a política africana de Portugal tem sido de desserviço ao próprio país, nos seus interesses imediatos, ela tem sido um dos maiores serviços que se poderia ter prestado ao Brasil, ao Brasil da futura, necessária e inescapável missão. Portugal, conservando, o mais possível, os territórios ultramarinos, abre ao Brasil, com a Guiné, o ajudar a África a que, imprópria mas comodamente, poderíamos chamar sudanesa; com Angola, a África banto; com Moçambique, toda a Costa Oriental, a velha Contra-Cos-

3 Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. [N.O.]

ta; além de, por Macau, lhe oferecer, num perfeito regime de convivência, as comunidades chinesas; por Timor, as comunidades malaias; e quem sabe se a lembrança de Goa não poderia propiciar maior integração, por um Estado comum, entre os Estados Unidos do Brasil e a União Indiana. Portugal, batendo-se, e quaisquer que sejam seus motivos conscientes, está-se batendo apenas por mais tempo para que se constitua a Confederação de Povos de Língua Portuguesa, já nitidamente definida em três sub-regiões: a do Atlântico Norte, de Portugal a Cabo Verde, com autonomia das Ilhas Adjacentes; a do Atlântico Sul, com os três pólos de Guiné, Angola, Brasil; a do Oriente, jogando a África, por Moçambique, ao encontro da Índia, da China, da Indonésia, mais afastadamente, mas com não menor importância, das Filipinas e do Japão.

Um dos problemas mais importantes que se principia a pôr quanto a Portugal é o da sua posição na Península Ibérica, a qual depende fundamentalmente da validade e persistência de seus laços ultramarinos. Uma involução na Ibéria pode ser uma conseqüência fatal da modificação de estatuto dos territórios africanos, mas tal se não daria se a Confederação viesse a constituir-se: é a única maneira de haver autodeterminação sem quebra do conjunto. Mais ainda: constituída a Confederação, com toda a sua importância, política, cultural e econômica, seriam as várias regiões espanholas que teriam interesse em integrar-se na nova comunidade pela sub-região Norte.

A integração peninsular, dominada e vitalizada não pela meseta, mas pelo mar, seria, além de fator de influência para o grande Magreb, o agente catalítico da integração da América Latina, talvez com os dois pólos, do México e do Brasil, integráveis em duas regiões distintas, e que daria à Confederação quase toda a costa ocidental do Pacífico. A mancha de língua portuguesa e espanhola, tendo como sua primeira tarefa comum o trabalho de África, a que tanto devemos, seria um dos mais poderosos fatores de paz, daquela que começa pelo desarmamento dos espíritos e pelo desejo de servir, pagando as dívidas que a humanidade, para se desenvolver, foi criando pelo mundo afora.

Só o Brasil poderá tomar uma tal iniciativa, porque só nele acreditarão e só à sua volta se poderão reunir povos. Creio que o primeiro passo seria o de se reunirem, e sempre tenho apontado Cabo Verde como o ponto ideal de encontro, intelectuais do Brasil e de Portugal, para lançarem os pontos básicos de trabalho, reunião essa a que se seguiriam as de economistas e juristas que apurassem as possibilidades e conveniências materiais e de direito, até que um dia, esperemos que não venha longe, governos e diplomatas estejam bastante convencidos para que a instituição possa surgir. Estamos no momento certo para que se principie; esperam-nos a África e, para além da África, o mundo.